

(DES)SILENCIADAS: VOZES FEMININAS EM O FIO DAS MISSANGAS, DE MIA COUTO.

Autores: LUARA SILVA VELOSO, TELMA BORGES DA SILVA,

Introdução

O trabalho monográfico em desenvolvimento tem como objeto de investigação o livro *O fio das missangas*, do escritor moçambicano Mia Couto. Para a análise pretendida, foram selecionados os contos “O cesto”, “A saia almarrotada”, “Meia culpa, meia própria culpa”, “A despedideira” e “Os olhos dos mortos”, que comungam do fato de serem narrados e protagonizados por personagens femininas. Entre o silêncio socialmente imposto a essas mulheres e seu protagonismo como personagens-narradoras situa-se a pesquisa, que parte da hipótese de haver um processo de dessilenciamento promovido pelo autor ao apresentar os contos em primeira pessoa. Para isso, o estudo apoia-se nas discussões de representações sociais, silêncio e subalternidade, desenvolvidas por Denise Jodelet, Eni Orlandi e Gayatri Spivak. Fundamenta-se ainda no conceito de performance, de Terezinha Taborda Moreira, e na concepção de narrador discutida por Jaime Ginzburg.

Material e métodos

Para a finalidade pretendida, a pesquisa desenvolve-se a partir de uma abordagem metodológica qualitativa. Dentro dessa perspectiva, é adotado o método dedutivo. Compreende-se essa abordagem como a mais adequada, uma vez que o estudo parte do âmbito geral – a obra – para o particular – a temática delimitada nos contos selecionados. É necessário ressaltar que a investigação é de cunho exclusivamente bibliográfico teórico-crítico, não havendo, portanto, pesquisa de campo.

A seleção dos textos “O cesto”, “A Saia almarrotada”, “Meia culpa, meia própria culpa”, “A despedideira” e “Os olhos dos mortos” justifica-se pela compreensão de que eles comungam do elemento essencial da investigação proposta: o fato de serem protagonizados por personagens-narradoras em situação de submissão e opressão. A análise parte do entendimento de que o silêncio apresentado nos contos se revela na invisibilidade, na condição de subalternidade imposta às personagens.

Para desenvolver tal compreensão, é buscado aporte teórico especialmente nas discussões de Eni Puccinelli Orlandi (2013) acerca do silenciamento e das formas de silêncio, além das concepções de subalterno e subalternidade discutidas por Gayatri Chakravorty Spivak (2014). De acordo com Orlandi, o silenciamento surge como uma tática de neutralização do outro, de forma a lhe tirar qualquer possibilidade de se fazer representar. É um silêncio que “liga o não-dizer à história e à ideologia” (ORLANDI, 2013, p. 12), assumindo, portanto, um lugar determinante – e não secundário – na situação de subalternidade à qual os sujeitos encontram-se relegados.

Spivak define o sujeito subalterno como aquele pertencente “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2014, p.13-14). Partindo do contexto da produção colonial, em que o sujeito subalterno é destituído de história e de voz, a autora ressalta que a situação de marginalidade imposta ao subalterno é ainda mais incisivamente presente no sujeito feminino: “a mulher como subalterna não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (SPIVAK, 2014, p. 17-18). O silenciamento, portanto, envolve não apenas a impossibilidade de voz, mas também a desigualdade de meios. Isso ocorre porque, “se o discurso do subalterno é obliterado, a mulher subalterna encontra-se em uma posição ainda mais periférica pelos problemas subjacentes às questões de gênero”. (SPIVAK, 2014, p. 17).

Nesse viés, a questão das representações sociais também é enfatizada, sendo apresentada a partir da discussão de Denise Jodelet (2001), entre outros estudiosos. Jodelet define a representação social como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001, p. 22). Corresponde, desse modo, a sistemas de interpretação da realidade que coordenam a relação do indivíduo com o mundo, orientando inclusive decisões e posicionamentos. É necessário frisar que a representação não reflete apenas na percepção individual. Como Jodelet ressalta, “ela também pode relacionar-se à atividade mental de um grupo ou de uma coletividade, ou considerar essa atividade como o efeito de processos ideológicos que atravessam os indivíduos” (JODELET, 2001, p. 27). Esse atravessamento, é importante destacar, está diretamente relacionado à influência da ideologia dominante e à estrutura social vigente. Assim, a representação de uma categoria dominada – como a mulher – é configurada a partir da referência à categoria socialmente dominante – no caso, o homem.

Trabalhados os conceitos essenciais à compreensão da situação de submissão e opressão das personagens, parte-se para a reflexão sobre o narrador. O modo peculiar de narração de Mia Couto é analisado a partir do conceito de performance, apresentado por Terezinha Taborda Moreira “como um processo de substituição ao ato de contar histórias das sociedades tradicionais e, simultaneamente, como ato de inscrição, no texto escrito, de um certo ‘jeito de contar’ que se coloca como um traço de oralidade” (MOREIRA, 2003, p. 251). A partir dessa concepção, a noção de narrador performático é desenvolvida mediante a capacidade de o contador “inserir-se no texto escrito feito corpo cultural”. O que se tem é um modo de narrar único que “se caracteriza por uma eloquência particular, uma fluência de dicção e um poder de sugestão que parece querer inscrever, nos textos, a voz, o gesto, enfim, o corpo cultural do contador de histórias em sua performance” (MOREIRA, 2001, p. 250).



A narrativa em primeira pessoa permite pensar o (des)silenciamento como ação promovida por Mia Couto, uma vez que, ao fazer essa opção, o escritor oportuniza a fala a essas personagens subalternas. Trata-se – como argumenta Jaime Ginzburg, ao analisar “O narrador na literatura brasileira contemporânea” – “de um desrealce histórico, de uma atribuição de voz a sujeitos tradicionalmente ignorados ou silenciados” (GINZBURG, 2012, p. 200). A compreensão do autor é desenvolvida a partir do conceito de descentramento, entendido como “um conjunto de forças voltadas contra a exclusão social, política e econômica” (GINZBURG, 2012, p. 201) que mobilizam parcela da produção literária, no intuito de confrontar as tradições conservadoras. Longe de generalizações, pensar a partir dessa perspectiva significa “avaliar um processo histórico, em que a recorrência de alguns recursos de escrita pode ter um significado político crítico e afirmativo” (GINZBURG, 2012, p. 201).

Para o contraponto entre o silêncio imposto às personagens no contexto social em que estão inseridas e a voz que lhes é dada pelo autor, são buscados, nos enredos e na própria estrutura dos contos, elementos que evidenciem como se dá o movimento de (des)silenciamento das vozes femininas. No contexto, a inferência sobre o escritor como viabilizador desse dessilenciamento é fundamentada em Orlandi, Spivak e Ginzburg, ao passo que o caráter político e social da escrita abarca, além desses autores, a discussão de Antonio Candido (2014).

Resultados e discussão

Como já exposto, parte-se do entendimento de que o silêncio apresentado nos contos se revela na condição de subalternidade imposta às personagens. Condição esta que se encontra essencialmente atrelada ao contexto doméstico, como pode ser observado no trecho destacado a seguir:

A mim, quando me deram a saia de rodar, eu me tranquei em casa. Mais que fechada, me apurei invisível, eternamente noturna. Nasci para cozinha, pano e pranto. (COUTO, 2009, p. 29).

Por vezes, o silenciamento configurado na invisibilidade aparece de forma explícita:

Hoje será como todos os dias: lhe falarei, junto ao leito, mas ele não me escutará. Não será essa a diferença. Ele nunca me escutou. (COUTO, 2009, p. 21).

Nesse contexto, a figura masculina, não raro, atravessa o lugar de algos e é apresentada como aquela capaz de permitir à mulher subalterna ser alçada à condição de sujeito:

E que se fosse eu invocada por voz de macho. Fosse eu retirada da ausência por desejo de alguém (COUTO, 2009, p. 39)

Uma questão importante a ser evidenciada é que, nessa percepção de se ter no outro a possibilidade única de libertação, emerge também a perspectiva de auto-anulação ante sua ausência:

Dispensei uma vida com esse alguém. Até que ele foi. Quando me deixou, já não me deixou a mim. Que eu já era outra, habilitada a ser ninguém. (COUTO, 2009, p. 51)

Contudo, é importante destacar que a opressão vivida não foge à percepção das personagens. A apresentação em primeira pessoa permite refletir sobre sua consciência acerca da própria condição de subalternidade, uma vez que são elas que narram suas trajetórias. Por esse viés, o contexto é também de denúncia. Denúncia que se torna possível a partir da oportunidade de fala dada por Mia Couto, ao situá-las como narradoras. E é interessante observar como o espaço de narração é também o de rumação e reelaboração da realidade vivida.

Segundo Spivak, “a tarefa do intelectual pós-colonial deve ser a de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar” (SPIVAK, 2014, p. 16). A autora defende que “não se pode falar pelo subalterno, mas pode-se trabalhar contra a subalternidade, criando espaços nos quais o subalterno possa se articular e, como consequência, possa também ser ouvido” (SPIVAK, 2014, p. 16-17). O movimento de dessilenciamento criado por Mia Couto, ao situar as personagens como protagonistas e porta-vozes da própria situação de subalternidade, é o responsável por inseri-las nesse lugar de fala. A opção pela narrativa em primeira pessoa, portanto, não se apresenta como gratuita, mas atende a um ensejo de reposicionamento.

Considerações finais

É mister pensar que “obras literárias podem corresponder a intervenções de resistência, na medida em que constituem interpretações da História a partir de lugares de enunciação diferentes dos que estão estabelecidos como aceitáveis pelas instituições de controle social” (GINZBURG, 2012, p. 212). Na opção por dar voz a personagens que compõem o rol dos excluídos, Mia Couto situa suas missangas num lugar de contraposição a esse discurso institucionalizado. Lugar que, nos cinco contos escolhidos para este trabalho, é duplamente marcado, dado que o sujeito subalterno não é apenas protagonista, mas também quem narra a própria história.

Referências bibliográficas

- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.
- COUTO, Mia. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. **Tintas. Quaderni di letteratura iberiche e iberoamericana**, 2012 no. 2, p. 199-221, 2012.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Trad. Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EduERJ, 2001.
- MOREIRA, Terezinha Taborda. Escrita e performance na literatura moçambicana. In: **Scripta**. Belo Horizonte: PUC Minas. v.4, n.8. p. 250-257, 2001.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: Unicamp, 2013.

11^o FEPEG FÓRUM

ENSINO · PESQUISA
EXTENSÃO · GESTÃO

UNIVERSIDADE, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS

ISSN: 1806-549X

Realização:



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
CIENTÍFICO, TECNOLÓGICO
E INOVAÇÃO SUPERIOR



Apoio:



SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart et al. Belo Horizonte: UFMG, 2014.